

A LIÇÃO DE PAZ

MACIEL, Maria Esther. *As vertigens da lucidez: poesia e crítica em Octavio Paz*. Belo Horizonte: Experimento, 1996. 255 p.

A publicação de *As vertigens da lucidez: poesia e crítica em Octavio Paz*, de Maria Esther Maciel, vem estimular reflexões sobre a crítica e a literatura contemporâneas, ao indiretamente apresentar um alerta para aqueles que ainda acreditam na inspiração como única fonte criadora. A lição de Paz, voltada para o estreito vínculo entre a prática poética e o saber teórico, consiste no desmascaramento do lugar alienante do artista e do conseqüente caráter provinciano que esta postura como intelectual é possível acarretar.

Torna-se cada vez mais atraente a leitura de trabalhos desta natureza, na medida em que a figura do escritor não se mostra apenas como o autor que se esconde nos bastidores do texto, mas aquele que se empenha em apontar caminhos e discutir posições. O exercício crítico, por sua vez, se enriquece e se liberta das amarras de leitura tímida e fechada no âmbito da literatura, ao ressaltar as relações do escritor com os princípios que norteiam a estética contemporânea e o lugar ocupado pela poesia na história pessoal e intelectual de seus autores. Investida da função de delinear o perfil do escritor-crítico, Maria Esther nos oferece um trabalho de fôlego sobre a formação de linhagens literárias em torno da “tradição da ruptura”, tão bem conceituada e representada por Paz e através da qual é possível delimitar uma das mais importantes vertentes estéticas processadas no século XX.

Ao compor a sua reflexão teórica sobre os paradoxos da Modernidade, centrados no jogo entre vertigem e lucidez, o livro de Esther elucidada, com extremo rigor, conceitos retirados da prática teórico-poética de Octavio Paz, tais como

os de tradição, ruptura, autoria, pós-moderno e analogia. De forma sensível e inteligente, esses conceitos são construídos a partir de traços metafóricos presentes nos textos analisados, o que configura a tendência igualmente analógica do discurso atual da crítica literária.

De outras qualidades se reveste *As vertigens da lucidez*, destacando-se, entre elas, a séria pesquisa sobre a obra do autor, o que torna o livro referência obrigatória para quem se interessar não só pela imagem pública do escritor como pela relação entre os conceitos de espaço e de tempo na Modernidade. Ao congrega a poética vertiginosa e geométrica do artista plástico Escher à lucidez e ao abismo do texto de Paz (a *temporalização do espaço* e a *espacialização do tempo*), o estudo de Maria Esther se pauta pelo “ritmo de zigue-zague” entre os trabalhos do poeta e do artista, estabelecendo um “diálogo silencioso” entre eles. O mérito da utilização do mecanismo comparativo através do princípio de analogia entre as poéticas de ambos os autores rompe com o conceito fechado de fontes e influências e abre a leitura crítica para a liberdade associativa do leitor.

Desvinculando-se de jargões teóricos e de gratuidades interpretativas, *Vertigens da lucidez* marca um importante momento da história não só da crítica latino-americana como da rica produção ensaística produzida nas universidades mineiras. O leitor irá se deparar com a escrita elegante e criativa da autora, que, por não se prender aos ranços acadêmicos ou aos delírios de linguagem, sabe dosar as vertigens com lúcida paixão crítica.

Eneida Maria de Souza
UFMG

SOBRE TRILHOS COM DAIBERT

DAIBERT, Arlindo. *Caderno de escritos*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995. 188 p.

“... um coração colossal de graffiti
nos flancos de um trem de metrô...”

(C. Veloso, Antonio Cícero, Waly Salomão)

I - Tomamos, eu e Arlindo Daibert, trens em direções opostas: ele, formado em Letras, partiu para uma carreira como artista plástico; eu, formada em Belas Artes, tornei-me professora de literatura. Durante nossos percursos, porém, paramos nas mesmas estações - estranhamente, na mesma sucessão: *Alice*, *Macunaíma*, *Grande sertão: veredas*, relatos de viajantes. Atraíram-nos, em um estágio da viagem, as semelhanças entre os livros de Lewis Carroll e Mário de Andrade, que renderam a mim uma dissertação de Mestrado, a ele duas séries de desenhos, que confluem em reflexões retomadas quando o artista se prepara para enfrentar um terceiro texto magistral, o de Guimarães Rosa:

Examinando um pouco mais as aventuras do herói sem nenhum caráter, ficou claro que existiam muito mais pontos de contato do que de afastamento. O primeiro deles se dava ao nível da investigação e da subversão do próprio texto. Invenções, alterações da lógica narrativa, apropriação de narrativas tradicionais, etc. Além disso, numa certa medida, Carroll anuncia os exercícios com o fantástico e com o inconsciente tão caros aos surrealistas, e é inegável a forte influência do surrealismo sobre boa parte da produção do modernismo brasileiro.*

Apesar das afinidades, nunca cheguei a encontrar Arlindo Daibert pessoalmente. Pude apenas vê-lo da janela do trem, emoldurado, em diálogo com os escritores que ele também

* Daibert, Arlindo. *Caderno de escritos*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995. p. 29.